

E veio um homem

O seu nome era desconhecido para muitos. Amou a cidade de Piacenza e a sua diocese com obras e com palavras, amou o povo, a vida e os seus problemas. Mas, de coração, amou aqueles que partiam... perseguidos pela miséria; por aquela necessidade que os seres humanos têm de sobrevivência.

O seu nome era desconhecido para muitos. Amou a cidade de Piacenza e a sua diocese com obras e com palavras, amou o povo, a vida e os seus problemas. Mas, de coração, amou aqueles que partiam... perseguidos pela miséria; por aquela necessidade que os seres humanos têm de sobrevivência. Partiam em massa da sua terra. Emigravam. Não como os pássaros no céu. Não como um redemoinho de folhas no ar. Nem como as sementes maduras de uma flor: aventuras estas que o vento acompanha, mas como um rebanho infinito de ovelhas perdidas. Sem pastor. Emigrar para os seres humanos é sempre morrer. Como a última esperança que grita mais forte ainda pelo seu desespero: poder renascer homens. Em outro lugar.

Como um Pai, pródigo de amor, perscrutava o horizonte de dia e de noite: era para seguir os seus filhos ao Brasil, às Américas, distantes quilômetros e quilômetros de mar... Como uma mãe que recolhe os próprios filhos, foi então buscá-los. Encontrá-los, finalmente, para dizer-lhes, como um irmão, que o Deus dos pobres, do órfão, do estrangeiro não os havia traído. Tinha permanecido com eles. Pobres de toda dignidade. Órfãos de uma pátria perdida. Estranhos, lá onde tinham pousado os seus pés. Mas não estavam sós. Deu-lhes um sinal de amor de Deus: Missionários para eles e como eles, migrantes.

Já, aquilo que ele há um tempo fez não importa mais. A planta deu seus frutos. Os filhos tomaram o seu nome: João Batista Scalabrini. Importante é que tu estás vivo entre nós. Hoje, mais do que nunca. E para milhares e milhares de homens, mulheres, crianças.

Nas terras da Europa, da Ásia, nas Américas, em terras da África. E além. Perseguidos pela mesma miséria, golpeados pelo mesmo êxodo, lutando com a mesma esperança. Uma sede na alma de serem homens que queimam nas suas feridas como sal.

E tu os acompanhas ainda como um pai, um irmão, uma mãe para eles. Em cada um de nós, missionários que vivemos do teu amor. E da tua coragem como herança.

E contigo gritamos, em nome de Deus, para quantos hoje têm necessidade de se tornarem ainda seres humanos... Eles que perderam uma terra. Mas também vós, que não sabeis repartir a vossa e o vosso tesouro, caros irmãos.

(Por Renato Zílio)